

A Cara e a Coroa

Contam os livros que a Idade dos Metais marca o início de sua dominação por parte das primeiras sociedades sedentárias da Pré História. A descoberta, importante marco do ser humano, foi fundamental para a utilização por povos que surgiram na Antiguidade. Conhecendo as técnicas de fundição, o homem acabou criando ferramentas e instrumentos que o ajudaram no cultivo de plantas, derrubada de árvores, e mesmo na caça. Foi, também, determinante nas disputas por terras férteis e pastagens, onde verdadeiras “guerras” ditavam a dominação das comunidades, disputadas com armas feitas através da recém-descoberta. O cobre e o estanho foram os primeiros, a junção destes gerou o bronze. O ferro veio muito depois, e a partir do ano 1500 AC teve um lento processo de propagação, dada a dificuldade de aprendizado das técnicas de manipulação da liga à época.

A evolução contínua da humanidade permitiu que também os procedimentos de fundição fossem aprimorados através dos tempos, como ainda é hoje, dando uma significativa contribuição ao contexto social e econômico ao redor do mundo.

Em nosso país, já no século XVIII, das Casas de Fundição saiam as barras e moedas do ouro garimpado nas regiões de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Bahia, e de cuja garantia era dada pelo Governo Real, não sem antes abocanhar parcela do que ali seria fundido. Muito provavelmente, este seria o motivo de, no final da década de 1720, instalar-se clandestinamente uma dessas casas, na base da atual Serra da Moeda – localizada na Cordilheira do Espinhaço, em Minas Gerais, com mais de 1700 m de altura. Era uma verdadeira fábrica de moedas, e ganhou reputação pela qualidade e acabamento dados às peças.

Mas, nem um pouco discreta. Ali trabalhavam homens brancos, negros, mulatos, mestiços, gente de outras Capitânicas, ou ainda de outras partes de dominação portuguesa, e até mesmo antigos funcionários da administração aqui na América.

Localizada em posição estratégica para facilitar a comunicação com diversas partes da colônia, tinha uma proteção invejável; alguns a chamavam de “fortaleza”, porque era dotada de cancelas, cercas, pontes estreitas, muita gente e armas. As margens do caminho eram escuras e tracejadas, e cruzada a cerca caminhava-se por longo trecho até a primeira de duas pontes. O ambiente era composto de senzalas, a casa de fundição do cunho e demais casas, além de uma pequena igreja. Não havia simplicidade nem precariedade.

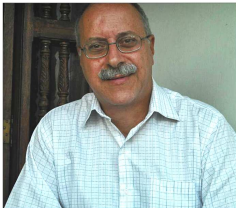
Se alguém duvidar que um lugar desses, mesmo com toda a proteção, pudesse passar despercebido, acertou. E, quem arriscou em pensar que pudesse haver “colaboração oficial” para sua manutenção, também foi “na mosca”, porque havia conivência de gente graúda, inclusive do próprio Governador de Minas, Lourenço de Almeida, e equipe, que não somente faziam vista grossa como também tratavam de dar fluxo às moedas, para que, através de comerciantes e contrabandistas, fizessem-nas chegar à Europa.

Mas, como tudo na vida tem limite, a paciência do Ouvidor Geral Diogo Cotrim de Souza se acabou. E, montando uma operação sigilosa, que evitasse chegar ao conhecimento do Governador e, ainda, uma estratégia para penetrar na mata com segurança e determinação, conseguiu desbaratar a fábrica fechando definitivamente suas portas em 1731. D. Lourenço de Almeida já havia retornado, rico, para Portugal...

São duas passagens isoladas, separadas por centenas de anos, mas que permanecem vivas nas páginas da história da humanidade. Cada uma com as características próprias do povo, dos costumes, e dos interesses de suas épocas, mas registros inquestionáveis dos fatos e do comportamento do homem.

Tão distintas, mas tão importantes. Fundidas, como a cara e a coroa das moedas.

(Pesquisa www.revistadahistoria.com.br e www.brasilecola.com)



Marcelo Conti

Sócio da SOLUÇÃO Gestão de Negócios e Cultura Ltda.

www.solucao-gnc.com.br